

Aluísio Carvão

LIRISMO E POESIA DA COR

Wilson Coutinho

HA dois anos atrás, Aluísio Carvão realizava uma importante exposição na Galeria Saramenha mantendo a fama de ser um dos principais coloristas da atual pintura brasileira. Hoje, aos 21h, na própria Saramenha, o artista retorna com 19 peças, produzidas nesses dois anos, novamente evoluindo e cada vez mais no interior do seu mundo poético, feito de fragilidades visuais como esse signo que o pintor extrai das suas vivências existenciais e afetivas: a pipa. Carvão é praticamente um poeta-pintor desta vivência e embora sendo um artista que se utiliza da metáfora, condensando o significado desse elemento, cria com intenso lirismo, um mundo poético em que não se pode apontar como uma óbvia representação desse brinquedo infantil. Carvão, para fazer dele um elemento poético, o reduz ao mundo das formas.

Aos 62 anos, o paranaense Carvão pode ser considerado um pintor entranhado já na nossa magra história da arte e, por isto, vem lentamente despertando, nos últimos anos, a curiosidade do colecionador de bom gosto e sofisticado. Como ocorreu com as obras do período concreto de Milton DaCosta é possível imaginar um tempo em que se procurará obras dessa época como um reiquia dos tempos desbravadores do movimento. Alguns artistas como Sérgio Camargo têm peças desse período, o falecido escritor Macedo Miranda as possuía e também o crítico Mário Pedrosa, um dos grandes entusiastas da obra do pintor. O fato é que por muito tempo Carvão foi um pintor de artistas e de intelectuais. Somente há três anos, Carvão vive exclusivamente de pintura, o que demonstra o grande atraso intelectual do nosso mercado. "Durante muito tempo, fui um funcionário público biscateiro fazendo de tudo, artes gráficas, capa de discos, cartazes e dando aulas no MAM por um simbólico pro-labore."

Carvão, que mora na Barra, alugou um pequeno ateliê em Copacabana. As cinco e meia da manhã começa o seu trabalho, quando o sol nasce. O ateliê é pequeno e confortável, com plantas e uma série de tigelinhas, onde repousam as tintas das suas cores. No ateliê, há obras de todas as suas fases, inclusive uma antiga paisagem. Chama atenção a forte presença da cor, com densas pinceladas expressionistas. Existem também obras do seu período "dogmático" concretista, trabalhos onde rigidez geométrica está intensamente presente. O tempo fez com que Carvão rompesse com essa norma, mas, no fundo, seu trabalho, mesmo o atual, repousa sobre esse procedimento. Artista-pesquisador, Carvão lentamente construiu o seu próprio universo, a sua própria linguagem tecida sobre a gramática construtiva.

E nesse ateliê, de onde de uma janela é possível ver o mar e de uma outra, uma favela ("Há dias que os garotos ficam empinando pipas"), que Carvão, ao som de músicas clássicas, exercita suas pesquisas, trabalhando com pequenas articulações de papelão pintado que formam os seus signos, pipas, sóis e luas ou então compondo pequenas aquarelas, geralmente magníficas e que são estudados para quadros futuros. É hábito do artista dar uma volta pela praia para um descanso e

depois retornar ao trabalho, movimentando as suas articulações ou pintando as suas aquarelas até que "encontra" o quadro e a cor. Ele fala, por exemplo, de um *rosadrops*, essas palavras enigmáticas dos pintores para explicar o nascimento indeciso das cores.

Participante ativo do movimento concretista e neoconcretista no Rio na década de 50, Carvão lembra-se, com carinho, da figura de Mário Pedrosa, na época professor e jornalista e vinte anos mais velho do que ele. Chama-o de "mano pai", uma referência à mistura de paternalismo e de amizade que o crítico exercia sobre os jovens que frequentavam a sua casa em Ipanema. "Nós nos reuníamos na sua casa e aparecia lá artistas como Ivan Serrá, Mavignier. Também era possível encontrar Darcy Ribeiro ou o Ferreira Gullar. Iamos quase todas as noites, liamos, olhávamos revistas de arte e muitas vezes ninguém falava nada, ficávamos em silêncio e eu dizia "então agora basta de conversa e vamos embora". Outras vezes, discutíamos muito e calorosamente que a mulher de Mário vinha despartar. Aliás, ele, a mulher Mary e a filha Vera faziam um triângulo muito bonito, muito familiar. Era fácil encontrar na sua casa um prêmio Nobel de física, um japonês que ficava olhando admirado um trabalho que eu tinha feito, umas caixas de fósforo que ficavam dançando no ar."

Até bem pouco tempo, Carvão dava aulas de pintura no MAM e foi dali que nasceu, na roda artística, a expressão mestre. Mas Carvão não se considera como tal, afinal é a própria arte moderna que não aceita a tutela de um mestre como ocorria na arte do passado. "Não tive alunos, isto é muito chato. Conheci pessoas e convivemos algum tempo. Discutíamos o nosso trabalho." Alguns artistas passaram pelas "aulas" de Carvão, como Ronaldo Rego Macedo, Aquila, Ivanir Fanzeres, Mauro Mendonça e outros. "Mas todos tiveram também outros professores," comenta o pintor.

HOJE, a vida de Carvão é mais tranqüila, facilitada pelo fato, talvez, de o artista integralmente dedicar-se à pintura. "Isto libera muito, ficamos com o interior solto, mais livre, nos tornamos mais poetas e aceita-se a vida com mais alegria."

Alegria que resplandece nos seus atuais trabalhos e no lirismo das suas imagens. "Agora estou abrindo mais o espaço. Eu comecei a registrar que a cor exige um campo maior, para que entre a sua carga, a sua tensão." Como todos os pintores admiráveis, Carvão não comenta sua pintura conceitualmente. Ele fala pelos olhos ou poeticamente. Estabelece deliciosas relações entre "vermelhos guarás, araras, aroma de flores do vindecara," lembranças de Belém. No entanto, o seu trabalho não é feito de impulsos tropicalistas. Circulos, linhas espirais, ritmo e movimento preenchem seus quadros. Uma emoção cuidada, sem folclore e que nos abre para a autenticidade do pintor Carvão, uma autenticidade enraizada na verdadeira pintura e não num vago anedotismo que tem mantido, no mercado, o elogio do "bonitinho" e de peripécias estilísticas que copiam vanguardas antigas com fórmulas e mensagens antigas.

Carvão, no seu ateliê, poeta de uma pintura construtiva, lírica, que tem como tema principal as pipas de sua infância